MUSEU FREI GALVÃO
ARQUIVO MEMÓRIA DE GUARATINGUETÁ
CENTRO SOCIAL DE GUARATINGUETÁ
Praça Conselheiro Rodrigues Alves - nº 48 - 2º andar
1998 **19 de Abril - Dia do Índio** nº 172

NOSSOS ÍNDIOS ONTEM E HOJE

"Tinham um indomável amor à liberdade e à vida nômade..."
Paulo Pereira dos Reis in "O indígena do Vale do Paraíba"

O litoral brasileiro, ao longo dos milênios, foi percorrido por numerosos povos indígenas. Nos últimos séculos, porém, os índios de fala tupi, bons guerreiros, se instalaram, dominadores, ao longo da costa e dos rios. Para Florestan Fernandes, somavam talvez, um milhão de índios divididos em grupos tribais e aldeias de trezentos a dois mil habitantes. Não era pouca gente, porque Portugal, àquela época, teria a mesma população ou pouco mais.

No Vale paulista do rio Paraíba, entre as tribos que habitavam e transitavam por suas terras, uma merece destaque especial: a dos Puris, hoje desaparecidos, mas, que deixaram sua memória e raízes em nossa linguagem, usos e costumes, além de jazidas arqueológicas dispersas por toda a região.

Quanto aos Tupis, duas aldeias resistem em Reservas Federais, próximas ao município de Cunha, cujas terras até o século dezoito pertenceram a Guaratinguetá.

OS PURIS



Segundo a lenda narrada pelos velhos pajés, os Puris tinham a mesma origem dos Coroados e Goitacás, formando outrora uma só nação.

Os Puris habitavam o território situado entre Guaratinguetá e Queluz, abrangendo os sertões de Hepacaré, hoje Lorena. Com a abertura do "caminho novo", por

terra, ligando a Freguesia da Piedade (Lorena, situada no termo da Vila de Guaratinguetá), ao Rio de Janeiro, os Puris foram gradativamente caçados e expulsos da margem direita do rio Paraíba. Os que escaparam, buscaram a Serra da Mantiqueira, as matas, e terras das Minas Gerais e do Vale do Paraíba Fluminense.

Em 1800, os remanescentes desses índios, que ainda viviam em Guaratinguetá e região, foram reunidos na Aldeia de São João de Queluz. Foram levados pelo cacique Vuitir, o "Mongo Velho", que ainda ajudou na construção da Capela, hoje Matriz de Queluz. Passado algum tempo, o chefe Vuitir, horrorizado e amargurado com o tratamento dado aos escravos africanos, e temendo o mesmo com os índios, abandonou a aldeia e, sozinho, embrenhou-se na Mantiqueira. E nunca mais dele se teve notícia... É o que registra J.B.Mello e Souza em "Histórias do rio Paraíba".

No Primeiro Livro Tombo da Igreja Matriz de Queluz, encontramos algumas referências etnográficas sobre os Puris, redigidas pelo Padre Francisco das Chagas Lima, responsável pelo aldeamento. São notícias de grande interesse para o conhecimento, compreensão e valorização dos primitivos donos de nossas terras e de nossas raízes.

Numerosos outros documentos, registros, desenhos e informações sobre os Puris, fornecidas por viajantes, cronistas e padres que passaram pelo Vale do Paraíba, foram reunidas por Paulo Pereira dos Reis em "O indígena do Vale do Paraíba", obra de grande valor para a história da região. São informações valiosas sobre os hábitos de nossos antepassados e sua maneira de viver, pensar e sentir, muitos dos quais ainda podem ser observados, especialmente na área rural.

Procuramos sintetizar algumas dessas informações, vindas do século dezenove, em linguagem atual:

PURI - Segundo interpretação dos próprios índios, Puris ou Puckis significa "gente mansa ou tímida".

ASPECTO FÍSICO - As inúmeras descrições sobre os Puris se completam, embora alguns viajantes os considerassem baixos e outros os achassem de altura normal. Sua estatura ficava em torno de 1,60 m ou um pouco mais, para homens e mulheres. Pele fina, pardo-avermelhada. Cabelos "negros como carvão", lisos, brilhantes e grossos, cortados com franja ou usados para trás, sobre os ombros. Alguns tinham os cabelos cortados muito rente e outros traziam a cabeça toda raspada. Era costume o corte rente da barba (pouco espessa) e a depilação de todos os pelos do corpo. Rosto largo e anguloso. Olhos pequenos, pardo-escuros, oblíquos. Nariz curto, narinas largas. Boca pequena, ossos sigomáticos salientes. Dentes alvos. Testa estreita. Pernas finas. Cabeça grande. Robustos e musculosos, eram corredores admiráveis,

apesar de andarem com "passos curtos". Apresentavam grande resistência em marchas de 15 a 20 horas seguidas.

HABITAÇÃO - Denominava-se "cuari". Era precária, em decorrência da vida errante dos Puris. Segundo as descrições da época, constava de "duas forquilhas fincadas no chão". Sobre elas se atravessava um pau em forma de cumieira. Sobre esta eram encostados alguns paus, que faziam as vezes de caibros. Eram estes paus cobertos com folhas de palmito ou outra palmeira, de maneira a ficarem servindo ao mesmo tempo de teto e parede.

INTERIOR DA HABITAÇÃO - A "cuari" abrigava a rede de dormir, as armas, os utensílios, os cestos e o fogo ou poté.

A *rede* era tecida com embira, embiraruçu, tucum ou embauva branca, e presa a troncos de árvore, com o cipó, ou em duas forquilhas como as da choça.

Os *utensílios* eram tijelas feitas de cabaça, usados para a água e os alimentos, além de panelas (enormes) de barro.

Os *cestos* eram feitos de folhas verdes de palmeira, entrelaçadas. Eram usados no transporte de alimentos e filhos.

Quando não estavam sentados na rede, os Puris ficavam de cócoras, em torno da *fogueira*. Cabia à mulher manter e atiçar o fogo para aquecer a choça e assar a carne que eles atravessavam em um pau, sobre as brasas. O fogo servia ainda para afastar os insetos e as feras.

ALIMENTAÇÃO - Plantavam pouco, tirando seu alimento principal da caçada. Obtinham da natureza os recursos indispensáveis à subsistência. Por essa razão eram nômades, vivendo da caça e da pesca, da colheita do mel, de frutos silvestres (inclusive da sapucaia), da extração do palmito, de raízes como a mandioca e a caratinga, que é uma espécie de cará. Quando escasseavam esses alimentos, deslocavam-se para os lugares onde fossem abundantes os macacos, porcos, veados, pacas, cotias e outras caças que comiam assadas.

LÍNGUA - Falavam um idioma totalmente diverso do Tupi Guarani, que era a língua geral brasílica. O vocabulário puri foi recolhido e publicado por cientistas e cronistas que visitaram o Vale do Paraíba no século dezenove. Destes, destacamos:

1 - "Glossaria Linguarum Brasiliensum", de Von Martius, publicado em latim, em 1863;

2 - "Vocabulário Puri" - Palavras colhidas pelo engenheiro Alberto de Noronha Torrezão, publicado em 1885.

3 - "A família linguística Puri-Coroado", de Alfred Metraux, publicado em Paris em 1929;

Em sua "Viagem ao Brasil", o Príncipe Maximiliano Wied - Neuwied anotou inúmeras palavras do vocabulário puri, dentre elas: joare (cão doméstico); cuari (choça); poté (fogo); rayon (gente branca); raial orutú (valente, de cor branca); Trovão (Tupã).

RELIGIÃO - Os puris acreditavam em Deus e na imortalidade da alma. Temiam os astros, especialmente a Lua, e dela se serviam para a contagem do tempo. Usavam colares protetores contra animais ferozes e doenças. Temiam o "gênio do mal", que podia assumir forma humana e animal, competindo ao pajé esconjurar esse ser maligno, ministrar os medicamentos, e praticar, com fumigações, uma espécie de exorcismo.

Há registro de orações fúnebres para os mortos. Nos próprios "ritos de cortesia" havia uma homenagem à memória dos defuntos: quando dois grupos Puris se encontravam, após as palavras de saudação proferidas pelos representantes de um deles, ambos rompiam em lamentos por seus mortos. Informa o Padre Francisco das Chagas, da Aldeia de Queluz, que "nos sepulcros dos mortos há uma escada, querendo significar com isto a subida das Almas para o Céu. Quanto ao Céu, constava este de uma agradável mata, cheia de pés de sapucaia e de caça, onde a alma ficava contente em companhia de todos os mortos".

CASAMENTO - Os puris podiam escolher mais de uma esposa, desde que as pudessem sustentar com suas caçadas. Os casamentos realizavam-se cedo e não eram prolíferos, raramente ultrapassando quatro filhos.

A cerimônia de casamento constava do oferecimento de caça ou frutas aos pais da noiva.

NASCIMENTO - Quando chegava a hora do parto, a mulher, em geral sozinha, sem auxílio algum, ia para o mato e ali paria, escondendo-se do luar. O cordão umbilical era cortado com os dentes. Logo depois, seguia para o córrego para banhar-se e lavar a criança e, em seguida, cuidava, como antes, de suas obrigações domésticas. O nascimento era comemorado pela tribo com ingestão de bebidas e danças, que ocorriam após a cerimônia religiosa da fumigação, ministrada pelo pajé, que soprava o fumo sobre mãe e filho. Após o parto, a dieta era rigorosa. Marido e mulher privavam-se da carne de certos animais e viviam exclusivamente de peixes e frutas, durante um bom tempo.

EDUCAÇÃO DOS FILHOS - Os recém-nascidos eram protegidos contra a lua, que eles consideravam causadora de doenças. Muitas vezes, a criança era amamentada pela mãe até os cinco anos. Enquanto não podia correr, era carregada às costas da mãe e dormia entre os pais, na rede. Depois, o pequeno cuidava de si mesmo. Tinha sua própria rede e aprendia a se alimentar de larvas de insetos e frutas. A menina acompanhava a mãe em suas tarefas. O menino acompanhava o pai. Aprendia a servir-se do arco e flexa, a trançar cordas de tucum, a atrair os bichos, arremedando-os, e apanhava cobras e peixes com a ligeireza do laço. Divertia-se com o bodoque, a lançar bolinhas de barro.

MEDICINA - Os Puris exerciam práticas curativas graças ao conhecimento de raízes e plantas medicinais, que aplicavam em caso de enfermidades. Eram excelentes colhedores da poaia (ipecacuanha), muito usada na medicina da época (e hoje usada na homeopatia).

Curavam defluxo ou resfriado, com "suadouros" provocados pelos vapores da água sobre uma pedra aquecida, sobre a qual a pessoa devia ficar debruçada.

SEPULTAMENTO - Os mortos eram colocados de cócoras, atados com cordas, dentro de grande panela de barro (igaçaba), juntamente com seus objetos: flexa, bodoque, machadinhas, etc., e assim eram enterrados. Autores informam ainda que alguns Puris enterravam o morto na própria choça onde vivera. Se fosse adulto, a habitação era abandonada, por medo do defunto. Os parentes davam ao cadáver provisão para a viagem eterna, e temiam pertubar a última morada dos mortos, receando que eles lhes aparecessem e os molestassem.

ADORNOS - Os puris não usavam roupas, à exceção dos "panos da honestidade", trazendo em nudez o restante do corpo. Por adorno traziam o corpo tinto de vermelho, os ombros e a cabeça implumados. A pintura do corpo era usada para fins guerreiros e festivos, dependendo a pintura do "gosto individual" e de sua arte. Para enfeitar-se, "vestiam" o corpo com pintura, aplicando a tinta vermelha extraída da polpa do urucum, o azul, feito com o suco do genipapo, e o "moqueado" em pequenas pintas negras, para imitar a onça e outros animais. Algumas "mulheres traziam cobras desenhadas nos braços e outras figuras em tinta preta e vermelha no rosto". Outras amarravam "fortemente, em redor dos punhos e dos quadris, uma faixa de esteira ou corda, para torná-los menores e mais elegantes, sendo estas faixas removidas após o casamento". Usavam também colares com presas de macacos, onças, gatos e outros animais selvagens, ou colares mais simples, apenas com sementes e penas pequenas.

DANÇAS - Além da caça, da pesca e da guerra entre tribos, parece ter sido a dança o único divertimento de nossos índios. Das danças participavam homens, mulheres e crianças. Tinham toadas, gestual e batuques diferentes, de acordo com o que celebravam: início ou fim da guerra, afastamento de doenças, nascimentos e mortes, pedido de boa sorte e alimento, lamentos e saudações.

Entre as danças registradas pelos cientistas Spix e Martius, merecem destaque as palavras cantadas, que, traduzidas, significavam "a melancolia e a saudade de um paraíso perdido". Em outras danças, destinadas ao culto da fertilidade, havia a umbigada, com a qual, violentamente , também procuravam saudar os assistentes....

ARMAS - Além das machadinhas em pedra polida, conhecidas por "pedra do raio", encontradas por toda a região, o uso do arco e da flexa foram objeto de inúmeras descrições, desenhos e informações deixadas pelos escritores, cientistas e viajantes que percorreram a região. O arco e a flexa eram usados para a caça, a pesca e a guerra. O arco era liso, geralmente feito com a madeira castanho escura, resistente e flexível, da palmeira "iri ou ari". A corda era de fibra de "gravatá" (bromelia). As flexas, cujas pontas, talhadas em osso, variavam conforme os fins a que se destinavam, eram fabricadas de "taquara" e enfeitadas com penas azuis e vermelhas ou do mutum e da jacutinga. As dimensões do arco e da flexa, muitas vezes, ultrapassavam os dois metros, e o peso era grande.

TRANSPORTES - Comumente os puris andavam à pé. As crianças eram levadas em cestos tecidos de taquara, nas costas das mulheres (cunhãs). Os cestos eram

suspensos por faixas largas que passavam pela testa ou que ficávam presas ao ombro direito. As travessias e viagens pelos rios eram feitas em jangadas.

ORGANIZAÇÃO SOCIAL - Quando estavam em guerra, escolhiam para chefe aquele que, entre eles, tivesse demonstrado astúcia, eficiência na caça e habilidade como guerreiro. Em tempo de paz, a autoridade do líder quase não se fazia notar. O prestígio do pajé era diminuto, pois os índios do sexo masculino eram considerados todos iguais.

DIVISÃO DO TRABALHO - Fundamentava-se na diferença de sexos. Competia aos homens a confecção de armas, a caça e a guerra. Às mulheres cabia a responsabilidade das colheitas (frutos e raízes) e a execução e manutenção de utensílios e vasilhas, de barro e taquara. As mulheres eram as carregadoras das caças abatidas e as transportadoras, em viagens, dos filhos pequenos e dos utensílios da choça. Cabia a elas também a manutenção do fogo nas choças.

COMPORTAMENTO DOS PURIS - O Padre Francisco das Chagas Lima, noticia, no 1º Livro Tombo da igreja do Aldeamento de Queluz, que "os Puris são gente mansa, e de boa índole conforme o significado de seu nome, não havendo conhecimento de haverem praticado morte". Não tinham comércio com homens de cor diferente da sua (brancos), aos quais reputavam por inimigos. Somente com outros índios, da mesma cor e linguagem, comunicavam-se de algum modo.

PURIS "ACULTURADOS" E O CHOQUE DAS DUAS CULTURAS - Os primitivos Puris, donos e senhores do Paraíba antes do domínio do colonizador, tinham um "indomável amor à liberdade e à vida nômade"! Frente à invasão européia defenderam, até o limite possível, esse seu modo de ser e de viver, sobretudo depois de sentirem as desilusões dos primeiros contatos pacíficos, e que a submissão significava escravidão e morte. Foram dizimados por enfermidades e guerras. Entre as enfermidades trazidas pelos brancos, que mesmo sem querer os contaminavam, estavam a cárie dentária, bexiga (varíola), sífilis, coqueluche, gripe, sarampo, tuberculose, etc. Na guerra de extermínio - dirigida principalmente aos que reagiam à captura e escravidão - eram usadas armas como canhões, arcabuzes, chuços de ferro, espingardas, além de traições e astuciosas técnicas contra os indígenas, que contavam unicamente com tacapes, zarabatanas, arcos e flexas. Além dessas armas de uso comum, ficou na história valeparaibana fluminense do final do século dezoito a "guerra bacteriológica" empregada contra os Puris, "como meio eficaz para reduzi-los. Para esse fim foi levada, através de roupas contaminadas, a peste da bexiga (varíola) ao seio das tabas dos Puris, causando essa doença grande devastação entre a população indígena". Narra Joaquim Norberto Souza e Silva, em publicação datada de 1894, "...o horror que presenciaram os moradores das margens do Paraíba, cuja torrente caudalosa arrastava quotidianamente os hediondos cadáveres das míseras vítimas..." Depois dessa matança, os índios que sobraram resolveram submeter-se ao domínio branco (anos depois, este método ainda era considerado como "eficiente instrumento de conquista").

Passando a ser "administrados" pelos brancos, mesmo após a proibição da "escravidão vermelha" (indígena), a situação dos Puris não parece ter melhorado. Os homens "serviam principalmente para tombar e juntar madeiras preciosas, para produzir outra mercadoria para o lucro e bem estar do invasor ou para trabalhar em engenhos. A mulher, para ter e criar seus filhos, para plantar e colher suas roças, para caçar e pescar o que comiam". As tentativas de conversão desses gentios, através de Aldeamentos, Reduções e Missões Católicas organizadas pela Igreja, nem sempre surtiram efeito, e sua ação é hoje polêmica.

Os cientistas Spix e Martius observaram nos Puris "o temperamento fleugmático, o indiferentismo para tudo". Wied-Neuwied entretanto, considerou isto como resultado do "estado mórbido" dos índios escravos ou submetidos aos processos de "civilização" do homem branco, que "violentou o direito natural e destruiu a personalidade do indígena em sua própria terra. Sujeito aos invernos rigorosos, o europeu, por sua vez, não entendia o costume indígena, meramente imediatista, de prover e não guardar, que poderia ser atribuído à benignidade de nosso clima e à prodigalidade da natureza, que fornecia animais selvagens e peixes e produzia frutos sem o trabalho da semeadura". Conforme conclue Paulo Pereira dos Reis, "o índio possuía maneiras de pensar, agir e sentir de sua comunidade, que eram profundamente diferentes das dos portugueses. Entre os conceitos divergentes estava a noção de propriedade dos alimentos e bebidas, coletiva para os ameríndios, e individual para o branco; a falta de ambição do índio, com o consequente desapego por "coisa alguma" e o sempre desejo intenso da posse de bens pelo europeu", levando ao constante atrito entre as duas culturas e seus portadores.

Analisando essa situação, após mais de um século de perseguições sofridas pelos Puris no próprio "habitat", sintetiza Paulo Pereira dos Reis:

> "Submetidos às estranhas normas de trabalho e de conduta dos invasores, às injustiças, maus tratos, traições, submissões humilhantes, repressões e castigos brutais, esses aborígenes, desajustados, não encontraram condições favoráveis para a sobrevivência. Perderam o gosto pela vida, tornaram-se apáticos e, em grande parte, definharam até que a morte os libertasse".

OS TUPI-GUARANIS HOJE

Há cerca de 100 km de Guaratinguetá existem hoje duas aldeias tupi-guaranis, situadas em Reservas Federais, em Paraty. A primeira, denominada Arapongas, na Vila do Patrimônio, possui 223,61 hectares de terra e 40 índios. A segunda é a Aldeia de Paraty-Mirim, e possui 79,19 hectares e 93 índios. Ambas estão ligadas com a Aldeia de Bracuhy (2.106 hectares e 300 índios), em Angra dos Reis.

No Brasil, o território ocupado pela nação tupi se distribui pelo sul e sudeste e alguns pontos do Mato Grosso do Sul, onde vivem seus 3 grandes grupos: Kaiová, Xiripá e Mbyá. Os Mbyá, por sua vez, vivem no sul e no litoral entre o Rio Grande do Sul e o Espírito Santo. Esse grupo se autodenomina "Nhandeva", que significa na linguagem tupi "nossa gente" ou "verdadeira pessoa guarani".

Os guaranis Mbyá - aos quais pertencem as aldeias de Paraty - desenvolveram várias estratégias para conservar suas tradições culturais e religiosas, garantindo sua multiplicação enquanto povo e etnia. O contato sistemático que mantém com os brancos

desde o início da colonização criou mecanismos específicos para manter suas tradições, usos e costumes, dando origem a um complexo sistema de auto-preservação.

"As alianças e a reciprocidade dos grupos familiares, pertencentes às diversas aldeias, sustentam e garantem a mobilidade social necessária à reprodução física e cultural da sociedade Mbyá, em cuja concepção de espaço e território, todas as aldeias estão interligadas como se ocupassem uma mesma superfície comum. Dentro desse contexto, a preservação de cada aldeia, independente da área e da população residente, é fundamental para manter a dinâmica dessas relações. Embora tenham sofrido um confisco gradativo do seu espaço físico, exigido pelos brancos para expansão agro-pastoril, conseguiram manter as aldeias como unidades estratégicas e vitais que permitem garantir sua presença junto à Serra do Mar" (C.T.I.).

Para se conhecer mais sobre essas Aldeias, e colaborar com seus objetivos, existe o Centro de Trabalho Indigenista (C.T.I), em São Paulo. É uma Organização Não Governamental, criada em 1979, por antropólogos e indigenistas, com a proposta de oferecer alternativas concretas a populações indígenas. Possui sede à rua Fidalga, 548, sala 13. Cep: 05432-000,São Paulo, onde se encontra à disposição dos interessados em colaborar com seus objetivos, dedicados à valorização e cidadania de nossos índios.

Com essas novas orientações e estratégias em relação aos nossos indígenas, procura-se evitar o choque das duas culturas - a nossa e a deles. Tenta-se assim preservar a cultura indígena espiritual e material, no hoje restrito meio-ambiente em que viveram seus antepassados, os verdadeiros proprietários de nossa terra.

THEREZA REGINA DE CAMARGO MAIA

FONTES DE CONSULTA

1 - Arquivo Memória de Guaratinguetá do Museu Frei Galvão. Coleção de monografias "Conheça e Valorize sua terra e sua gente".

2 - Fernandes, Florestan - A organização social dos tupinambás. Progresso, S.Paulo, 1949.

3 - Pasin, José Luiz - Algumas notas para a história do Vale do Paraíba. Desbravamento e Povoamento. Conselho Estadual de Cultura. Secretaria da Cultura, Ciência e Tecnologia. Governo do Est. de São Paulo. 1977.

4 - Reis, Paulo Pereira dos - O indígena do Vale do Paraíba. Apontamentos históricos para o estudo dos indígenas do Vale do Paraíba Paulista e regiões circunvizinhas. Coleção Paulística. Vol XVI. Governo do Estado de São Paulo. 1979.

5 - "Reservas Indígenas". In Paraty - Costa Verde. Monografias Turísticas. Rua Siqueira Campos 210/504. Rio de Janeiro. 1997.

6 - Ribeiro, Darcy - O povo brasileiro. A formação e o sentido do Brasil. Companhia das Letras. S. Paulo. 1995

7 - Silva, Joaquim Norberto de Souza - "Memória histórica e documentada das Aldeias de Índios da Província do Rio de Janeiro" in Revista do I.H.G.R.J., tomo XVII. Imprensa Nacional. RJ. 1984.

8 - Souza, J.B. Mello e - Histórias do rio Paraíba. Edit. Aurora. Rio de Janeiro. 1955.

9 - Willems, Emílio - Cunha. Tradição e Transição em uma cultura rural do Brasil. São Paulo. 1948.

NOTA - O desenho "Índios Puris sob seu abrigo" é de autoria de Prinz Maximilian von Wied, em sua Viagem ao Brasil. Data de fevereiro de 1816.